

ANAIS DO SETA, Volume 2, 2008

## REFERENCIAÇÃO E ESTILO: INTERSUBJETIVIDADE, TOPICALIDADE E COERÊNCIA TEXTUAL

Maria Angélica de Oliveira PENNA

*“o vir-a-ser axiológico de um ser humano é o processo de assimilar seletivamente as palavras alheias”*  
(Mikhail Bakhtin)

**RESUMO:** O objeto desse estudo serão as Formas Nominais Referenciais enquanto “fatos de estilo” que revelam o projeto de dizer de uma dada autoria. O foco na questão do estilo tem como intenção mostrar que essa categoria pode colaborar para a expansão dos estudos sobre coerência textual, progressão e manutenção tópica. Entendo o estilo menos como “efeito de sujeito” e mais como “efeito de interlocução”. A proposta que faço é de abordar a questão do estilo do interior da teoria da Referenciação: como constitutivo do jogo de estratégias que se dá, simultaneamente, entre locutor e interlocutor para a construção dos sentidos.

**ABSTRACT:** The object of this study will be the Referential Nominal Forms as “facts of Style” which display a given authorship’s saying project. The focus in the style problem aims at showing that this category can collaborate to the expanding of the studies on textual coherence, topic progression and topic maintenance. In my opinion, I think it is better to understand the style as an “interlocution effect” than a “subject effect”. My suggestion is to examine the problem of the style according to the Referentiation theory: as a constitutive part in the game strategies that happens, simultaneously, between locutor and interlocutor – in order to construct the meanings.

### 1. A ESCOLHA POR FORMAS NOMINAIS REFERENCIAIS

A questão das estratégias referenciadoras sempre foi objeto caro para a Lingüística Textual [LT]: em um primeiro momento, as anáforas já indicavam ser um dos principais mecanismos de coesão, de manutenção tópica [portanto, mecanismo favorecedor da unidade temática] e também fator, em grande medida, determinante para a coerência textual.

Segundo nos mostram os estudos de KOCH, nos primeiros trabalhos de LT, coesão e coerência não eram tratadas como questões distintas: falava-se na propriedade de ‘cohere’, o que indicava que a questão da *unidade* seria o principal fator de textualidade e a questão da coesão [aqui ainda indiferenciada de coerência] seria fator suficiente e necessário para que se efetuasse essa unidade.

Num segundo momento, o olhar para os textos percebia que a coesão textual – em termos de mecanismos superficiais - não era suficiente para dar conta da coerência [aqui, já abordadas, em diversas pesquisas, como fatores distintos] uma vez que alguns elementos sequer apontavam para o cotexto, como acontecia, por exemplo, com casos de dêixis. Além disso, muitas outras coisas que não estavam *escritas* [não eram explícitas] poderiam ser facilmente recuperadas por *um dado grupo de leitores, em uma dada situação* de comunicação - o que invalidava a afirmação de que a ausência de elementos coesivos resultava, necessariamente, em incoerência. Evidentemente, como nos mostra

Koch (2001, p14-28), muitas teorias colaboraram para o redirecionamento desse olhar. Neste momento, em especial, teorias pragmáticas como a *teoria da enunciação* (Benveniste), a *teoria dos atos de fala* (Austin), a *teoria da atividade verbal* (Leontev e Luria) os *postulados conversacionais* (Grice) foram as que mais colaboraram para que se questionasse e se observasse que o problema da coerência textual está além de questões puramente de ordem lingüística.

Ainda que, a partir dessas teorias, estivesse claramente posta a questão da presença do sujeito na linguagem (Benveniste); ainda que a linguagem já fosse concebida como uma forma de ação e já se reconhecesse uma certa intencionalidade (Austin); ainda que já se colocasse a questão da comunicação humana regida por princípios de *cooperatividade* (Grice), não se conseguiu explicar toda a carga ‘manipulativa’, todas as simulações, as alusões os jogos de implicaturas e de subentendidos por essas teorias: ou por conta de uma separação entre o que pertencia ao âmbito do discurso e o que pertencia ao âmbito da história<sup>1</sup>, ou por conta de focar quase que exclusivamente no produtor [ao leitor/ouvinte caberia ‘decodificar’ ou ‘identificar uma dada intenção’] ou até mesmo por conta de uma suposição de ‘predizibilidade’ [a questão da produção dos sentidos poderia ser explicada com base em ‘máximas’ griceanas].

## 2. REFERENCIAÇÃO E INTER-SUBJETIVIDADE

Uma vez posta a teoria da enunciação, já não se podia mais pensar a linguagem destituída de sujeito; mas pensar em ‘sujeito’ implicaria uma série de outras questões que vêm em ‘pacote’: sua historicidade, suas crenças, opiniões, seu conhecimento enciclopédico etc. Pensar o sujeito implicaria pensar cognição. Para pensar o sujeito, sobretudo o sujeito produtor de textos, necessitaria transitar por outras áreas que não somente a Lingüística: a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia a História, a Filosofia da Linguagem. Reconhecer o texto como produto de um sujeito, seria reconhecer que há nos textos marcas dessa subjetividade, e que, portanto, a Lingüística Textual precisaria recorrer a teorias auxiliares para explicar a “tradução do mundo” configurada em texto.

Acima de tudo, pensar um sujeito da enunciação em um contexto, a partir de então, transdisciplinar, seria pensá-lo enunciando para um outro *projetado*, no próprio ato da interação, para interagir com ele. Estava aí colocada, definitivamente, a questão da *interação*<sup>2</sup> –um sujeito enuncia para um outro projetado em seu próprio dizer [em forma de contra-palavras] e revelado por marcas lingüísticas; o outro se reconhece nos rastros do discurso do primeiro, interfere com suas crenças, suas ideologias, sua história: está estabelecido o jogo.

---

<sup>1</sup> Segundo Koch (op.cit,p 14-15), em Benveniste, história e discurso pertencem a planos distintos. Na história, para o autor, os fatos narram-se por si mesmos enquanto que no discurso, o sujeito ao apropriar-se da língua, instaura simultaneamente um ‘eu’ e um ‘tu’ – enquanto a história narra eventos passados, no discurso, o tempo e o espaço são instaurados pelo ‘eu’ que assume a enunciação.

<sup>2</sup> Segundo Faraco (2005), em conferência no Congresso Internacional Linguagem e Interação, realizado na UNISINOS (São Leopoldo – RS), como não é possível ignorar a questão da interação na linguagem, dada a sua relevância, e também como não dispomos de teorias capazes de conter essa questão, dada a sua multidimensionalidade, o desafio que se impõe para os interacionistas é o de estabelecer *pontes* e evitar, antes de qualquer coisa, o sectarismo teórico.

É preciso reconhecer, então, que, o que há não são exatamente *marcas de subjetividade* nos textos; mas *marcas de inter-subjetividade*; que pensar o sujeito [pensar o inter-sujeito] não seria exatamente pensar a cognição - uma vez que os estudos cognitivistas clássicos sugerem uma separação entre o que é social e o que é individual, e, em consequência, um dualismo incompatível com a questão da intersubjetividade - mas seria, então, pensar a *sócio-cognição*.

Retorno agora, às estratégias referenciadoras, para afirmar que foi pensando esse sujeito [inter-sujeito] que (inter)age na linguagem, que projeta seu dizer para um outro que é elemento constitutivo desse projeto, foi pensando no texto como produto da interação de sujeitos historicamente situados, que a LT vem propondo pensar a questão da coerência textual: numa perspectiva sócio-cognitivo-interacional. E foi olhando para as estratégias que possibilitam essa coerência; para a construção interativa de objetos-de-discurso e, dentre outras coisas, para o funcionamento das anáforas lexicais [para os Sintagmas Nominais referenciais] que a LT propôs que ao invés de *Referência*, que pressupõe uma espécie de ‘espelhamento’ se falasse em *Referenciação*, que pressupõe uma certa **ação** de referenciar.

### 3. AS FORMAS NOMINAIS REFERENCIAIS

É do interior desse quadro [da Referenciação], olhando para o funcionamento das Formas Nominais Referenciais, olhando para o texto como um processo, que pretendo abordar a questão do estilo *nos textos* enquanto categoria que nos possa ajudar a compreender melhor como se podem expandir os estudos sobre a coerência textual, sobre orientação argumentativa, sobre progressão e manutenção tópica.

Mantém-se, dessa forma, o que já se indicava desde os primeiros estudos da LT: *que as estratégias referenciadoras são elementos importantíssimos para a unidade temática e para a manutenção tópica*, ainda que o contexto divirja bastante do contexto originário; ainda que o que se entenda hoje por ‘unidade’ e ‘manutenção’ tópica não coincida com a visão anterior, já que o olhar para o texto extrapolou o estritamente lingüístico para buscar o transdisciplinar. O que antes era tido como *propriedade* do texto, hoje se vê como uma construção *interativa*.

Para Possenti (2007, p.20) as anáforas lexicais “são sítios relevantes para a interpretação e para a caracterização de um discurso” no que diz respeito ao estudo do estilo.

Para Koch & Penna (2006, p 25),

são elas que melhor representam as escolhas a que os indivíduos procedem por ocasião da construção de *objetos-de-discurso* (MONDADA & DUBOIS, 1995), a partir de conhecimentos pressupostos como partilhados e, portanto, da focalização de traços do referente que o locutor julgue de maior relevância para a caracterização do objeto que pretende construir.

Se, como defende Possenti (1988), a propósito da tese de Granger (1968), o estilo reside nas escolhas e, sendo verdade que os processos referenciais são responsáveis pela manutenção de um tópico discursivo em estado ‘ativo’, favorecendo assim a construção/reactivação de ‘objetos’ textuais, conforme afirmam Koch & Penna (op.cit), suponho que analisar remissões por Formas Nominais Referenciais relacionando estilo a

topicalidade, enquanto princípio organizador do discurso (JUBRAN et alii,) possa trazer colaborações para a ampliação dos estudos sobre coerência e progressão textual.

Proponho, preliminarmente, a noção de estilo como “efeito de interlocução”,<sup>3</sup> efeito que se observa, sobretudo, em lugares em que a instabilidade da língua se manifesta, como é o caso das *anáforas lexicais* [Formas Nominiais Referenciais].

Se é verdade, como afirma Bakhtin, que, no momento da produção, levamos para os textos as contra-palavras de nosso interlocutor, não podemos então distinguir quem fala mais em um texto: se autor ou interlocutor [não só enquanto alvo, mas também enquanto colaborador na produção dos sentidos].

-

#### 4. EXEMPLIFICAÇÃO

Procurarei exemplificar comparando dois excertos de textos, seguidos de uma breve análise:

##### Texto 1 – caderno A2 – FSP

Nem todo político é **corrupto**. São muitos, talvez a maioria, que se destacam pela vida decente, acima de qualquer suspeita. Mas todos são mentirosos, sobretudo em tempo de campanha eleitoral. Dirão que é uma necessidade operacional, quando mentem até descaradamente. Não me refiro às promessas - algumas delas até poderão ser cumpridas. Refiro-me às mentiras institucionais. Agora mesmo, quando o tabuleiro se arruma para outubro, nos bastidores da política nacional o assunto e a meta são as alianças. Nenhum partido, sozinho, chegará ao poder. E aí se desenrola uma das práticas mais repugnantes da política nacional. Vejo um candidato já lançado afirmar que buscará alianças em torno de programas, de idéias comuns pelo bem da pátria. Mentira que o lugar-comum classifica de "deslavada".  
[...]  
De tal forma as alianças são espúrias (outro lugar-comum) que o governo delas resultante nascerá bichado como o PT e o PSDB. (Cony, Carlos Heitor. *Mentiras Institucionais*. FSP, 31 de maio de 2006)

Neste texto, o referente *corrupto* é introduzido e não é retomado em nenhum outro ponto, o que resulta num congelamento de sentido, silenciando outras possibilidades de significação para o adjetivo.

Há um esforço por desviar a atenção do leitor para o referente ‘*mentirosos*’, justificando as razões que levam a essa mentira. A estratégia de retomadas para o referente ‘*mentirosos*’, por ‘*mentiras institucionais*’, ‘*as alianças*’ e ‘*uma das práticas mais repugnantes da política nacional*’, direciona o olhar do leitor para a questão da mentira e colabora para a produção do ‘efeito de estabilidade’ conferido ao referente *corrupto*.

<sup>3</sup> Segundo Marília Amorim (2003) “Quando se lê um texto e se consegue identificar a relação necessária entre o que é dito e o como se diz, pode-se dizer que se encontrou a voz do autor..” Para a autora, o estilo do texto é efeito de um encontro entre o pesquisador [no caso do discurso científico] e seu objeto. No caso deste trabalho, argumento [preliminarmente] que o estilo de um texto, qualquer que seja ele, é o efeito de uma interlocução que se dá entre autor e interlocutor, *mediados pelo objeto*. Defendo, portanto que o estilo de um texto reside na construção colaborativa do objeto do objeto do discurso.

O efeito de estabilidade que se dá para o referente *corrupto* decorre de uma interrupção do tópico e da introdução de um novo subtópico [*mentirosos*] que é desenvolvido por uma série de retomadas por anáforas lexicais. Além disso, o autor mascara a possibilidade de o traço *mentira* estabelecer alguma relação meronímica com *corrupção*, apostando assim na memória do interlocutor para o sentido de que *corrupto é aquele que recebe dinheiro em troca de favores*, conforme o *frame* que se pode acionar dado as últimas notícias que se tem do cenário político nacional. Além disso, ele abre uma possibilidade de negociar para '*mentirosos*' um novo *frame* que é o das alianças: apesar de ser informação nova, ele as apresenta, sempre, como dada [*"Refiro-me às mentiras institucionais"*].

É importante notar que o tópico proposto pelo autor é '*Mentiras Institucionais*' conforme anuncia o título do texto, mas ao iniciar com "*nem todo político é corrupto*", o autor produz uma *ilusão* de introdução de um tópico que, na verdade corresponde a uma contra-palavra a algo que 'vem de fora'. Na verdade, se formos pensar em "segmento digressivo", esse primeiro segmento é o que se configuraria como tal. Da mesma forma, o segmento "*mas todos são mentirosos*" - para o qual há uma série de remissões - também se configura como uma *ilusão* de introdução de um novo subtópico, quando se trata do tópico propriamente dito.

Segundo MARCUSCHI (1983, apud KOCH 2004), elementos como título, início do texto e nome do autor, muitas vezes são decisivos na interpretação do texto, uma vez que permitem avançar expectativas e que sejam elementos responsáveis pela ancoragem do texto em uma dada situação comunicativa. Nesse caso, parece que o início do texto sobressai ao título na interlocução com o leitor - o que reforça o efeito de estabilidade produzido para a expressão **corrupto**.

### Texto 2 – caderno A3 – FSP

SEGUNDO A DEFINIÇÃO clássica, *micróbios são seres microscópicos capazes de produzir doenças nos seres humanos e animais. Verme é qualquer animal invertebrado de corpo alongado e mole, também definido como parasita intestinal e pessoa desprezível. Alguns micróbios causam doenças inéditas. Outros, já conhecidos, infectam novos ou maiores grupos populacionais, podendo causar milhares de mortes. Em pleno século 21, dizimar micróbios e vermes continua a ser o grande desafio para a saúde mundial. Particularmente para o Brasil, exterminá-los é questão urgente de saúde pública e também de ética e de adequada gestão dos recursos do país para o bem estar da sociedade. [...]*  
[...]*Mas é na aplicação dos recursos na saúde que o problema é dramático e, nessa área, temos amostras nacionais de vermes que em nada perdem para as que prevalecem do mundo. São exemplos os vampiros da máfia do sangue, os sanguessugas das ambulâncias, as amebas de vida livre -que surrupiam materiais de hospitais públicos e privados- e os "vermes de colarinho branco", exímios em desviar dinheiro desde a origem, no Orçamento, até o destino final, em programas de prevenção e atenção básica à saúde da população. Um verme para formar quadrilhas e causar danos a tantas pessoas deve contar com associados hierarquicamente superiores que promovam integração.*  
(DAVID UIP. *Ameaça dos micróbios e ataque dos vermes*. FSP –Tendências e Debates, 12 de junho de 2006)

Neste segundo texto, os sintagmas nominais determinados [os vampiros da máfia do sangue ...] sob a forma "Det + nome + modificador", retomam o referente *vermes*, colocando em evidência a instabilidade de sentidos da palavra, especialmente porque

estes sentidos são confrontados com a definição clássica, e sofrem recategorização autorizada pela expressão “e pessoa desprezível” inserida na “definição clássica”.

Ao contrário do primeiro texto, para inserir um novo subtópico, o autor estabelece, com a expressão e pessoa desprezível uma base compartilhável com seu interlocutor para as novas categorizações.

Enquanto o primeiro texto, devido à falta de retomadas, produz um efeito de congelamento para *corrupto*, o segundo ativa a memória do que seriam *vermes* e invoca traços que permitem proceder a uma recategorização da classe política como *classe de vermes* [o parasitismo; a desprezibilidade].

## 5. CONCLUSÃO

Dessa forma, parece confirmar-se a relevância de se estudar as anáforas lexicais como mecanismos *estratégicos* de ‘enquadramento’ entre locutor e interlocutor em uma mesma moldura enunciativa; como mecanismos que facilitam a ‘analísabilidade’ tópica e colaboram para o estabelecimento da coerência textual. Retomadas por Formas Nominais Referenciais favorecem a emergência de lacunas que colaboram para a construção do conhecimento através do acionamento de *frames*. Um produtor pode, no entanto, provocar um efeito menos lacunar, como no caso do primeiro texto para o referente **corrupto**; nesse caso, o conhecimento parecerá mais observável, mais prático e superficial. Tanto no primeiro texto, como no segundo, portanto, o *estilo* parece revelar-se como um *efeito de interlocução* e a produção mais ou menos satisfatória dos sentidos, o maior ou menor grau de coerência, o reconhecimento da ruptura tópica e de seu resultado como efeito de sentido, dependerá, em larga escala, do grau de especialização do leitor.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMORIM, M. (2003). “Um certo silêncio e uma certa voz: duas ocorrências de alteridade no texto de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais”. XI International Bakhtin Conference, Curitiba, Brasil.
- GRANGER, G.-G. (1968/1974). *A Filosofia do Estilo*. São Paulo: Perspectiva.
- KOCH, I.G.V. (2001). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- KOCH, I.G.V.; MARCUSCHI, L.A. (1998). “Processos de referência na produção discursiva”, in: *D.E.L.T.A.*, 14, pp. 169-190.
- KOCH, I.G.V.; PENNA, M.A.O. (2006). “Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual”, in: *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 48(1), pp. 23-31.
- POSSENTI, S. (1988). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.